Carta semanal 29 (2018): Não há uma crise de refugiados. Há penas uma crise da humanidade

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**

Na Síria, uma batalha pela província de Idlib iniciou. Ao longo dos últimos anos, os duros combatentes que restaram, recuaram para esta região na fronteira da Síria com a Turquia, onde eles estão sob o comando de um grupo inspirado pela Al-Qaeda. Não há discordância que será uma sangrenta batalha. Minha **reportagem** sobre esses desenvolvimentos termina com a seguinte sentença, "Aqueles que ouvem o som das bombas cair estão em um debate sem fim: todas as soluções aceitáveis para o fim desta guerra são irrealistas e todas as soluções realistas são totalmente inaceitáveis".

A batalha em Idlib desalojará muitos sírios, que provavelmente irão para a fronteira com a Turquia. Já existe

em torno de 3,5 milhões de refugiados na Turquia. As forças turcas tem agora reforçado sua presença e nos muros construídos no nordeste da Síria. Eles estão prontos para a enchente de pessoas. O presidente da Turquia ameaçou invadir a Síria se o conflito aumentar. Essa invasão intensificaria a luta ou adiaria um confronto irremediável em Idlib. Haverá um deslocamento das pessoas no curto prazo. Não há boas escolhas diante dos vários grupos em disputa.

As Nações Unidas dizem que existem 68,5 milhões de pessoas em todo o mundo que foram forçadas a sair de suas casas. Esse número é grande. Se essas pessoas estivessem em um país, seria o vigésimo maior país do mundo – à frente do Reino Unido e da Tailândia, logo atrás do Irã e da Alemanha. Muitas dessas pessoas são desalojadas, mas vivem dentro de seus países de origem, embora um número muito grande seja forçado a fugir através de suas fronteiras. Nós falamos disso como uma "crise de refugiados". Na verdade, não é uma crise de refugiados. É uma crise da humanidade.

Raramente nós damos apoio ao trauma experimentado pelo refugiado – e pelo migrante econômico. Dos meus antigos colegas em Beirute vem um projeto para ouvir as narrativas dos próprios refugiados, um projeto chamado **Refugees as City-Makers**. Eu iniciei tranquilamente a leitura de muitas histórias neste PDF grátis – que eu recomendo que você baixe e saboreie. Em um **vídeo**maravilhoso (três minutos e meio), na Al Jazeera Shorts, a jornalista Preethi Nallu nos apresenta Abuzar, de 11 anos, do Afeganistão, que viajou sozinho para a Sérvia. "Esta é a última fronteira", diz ele, na esperança de chegar ao norte da Europa. O vídeo termina – comovente – com a notícia de que ele não é ouvido desde março de 2017. Outros são ouvidos, mas apenas quando suas histórias são trágicas. O Ms. Shahnawaz Khan Chandan do Daily Star de Bangladesh conheceu algumas mulheres no Campo de Refugiados de Lambasiya em Bangladesh. Elas são da comunidade Rohingya, cruelmente expulsas pelo governo de Mianmar. Em seu poderoso **relatório**, Khan escreve sobre o tráfico sexual que se tornou parte do processo de refugiados. Uma mulher diz a Khan: "Como você vai escrever minha história? Qual é a utilidade de escrever minha história? Você não entende meu sofrimento. Não é possível que você compreenda o que eu passei, a menos que você tenha estado nessa situação ".

A foto acima é de dentro de um abrigo ciclone, que agora é habitado por refugiados Rohingya. Foi tirada pelo fotógrafo de Bangladesh Shahidul Alam, que permanece na prisão por documentar protestos em seu país. Sua câmera não é um espelho da realidade, como Brecht disse, mas um martelo para moldar o mundo. Não admira que o governo tenha medo de alguém como Shahidul Alam. Eles trazem as histórias das mulheres Rohingya e dos meninos afegãos para o mundo. Por favor, leia o meu **ensaio** sobre a arte de Shahidul Alam e o que a arte significa nestes tempos de extrema tragédia.

Shamisa Hassani é professora de arte na Universidade de Cabul (Afeganistão). Pode-se encontrar o trabalho dela nas ruas de Cabul, escondido em ruas e até adornando buracos de maconha nas estradas. A pintura acima é dela. É um retrato sobre a realidade das armas e a esperança da música. As pessoas que passam pela pintura espelham a realidade de sua representação – um homem com uma perna, provavelmente um veterano de guerra, e crianças com a mãe, o futuro diante deles. A guerra dos EUA no Afeganistão continua. Já não está claro quantos morreram no país ou tiveram suas vidas destruídas. Em 11 de setembro, um veterano do exército dos EUA que lutou no Afeganistão em dois momentos escreveu no New York Times, que a guerra inteira foi equivocada. "Acabar com a guerra", escreveu ele. É esta guerra que enviou o jovem Abuzar à Sérvia. É a escala dessa guerra que provocou esse caos do norte da África para a China e além – enviando milhões de pessoas à marcha de suas casas em chamas.

O poeta palestino Fady Joudah oferece um poema chamado "Mimesis", que merece ampla circulação,

> Minha filha
>
> Não machucaria uma aranha
>
> Ela fez sua teia
>
> Entre o guidão da bicicleta
>
> Por duas semanas

> Ela esperou
>
> Até que a aranha saísse por vontade própria
>
> Se você arrancar a teia eu disse
>
> Ela simplesmente saberá
>
> Que este não é um lugar para chamar de lar
>
> E você vai andar de bicicleta
>
> Ela disse, é assim que os outros
>
> Tornam-se refugiados, não é?

Não há crise de refugiados. Há apenas a crise da humanidade, uma crise de guerra e fome que leva os refugiados. Há uma crise da humanidade no modo como as pessoas são forçadas a morrer de fome (do nosso escritório em Joanesburgo, Vashna Jagarnath **escreve** exatamente sobre isso). Há uma crise da humanidade na maneira como os mercadores da morte vendem armas (como mostra este último **relatório** CodePink) e pela forma como os soldados e a polícia treinam outros soldados e policiais para tratar os outros humanos com aspereza (como mostrado por este último **relatório** judeu Voz pela Paz sobre o treinamento israelense da polícia dos EUA). Não há refugiados. Existem apenas pessoas que foram forçadas a sair de suas casas.

Não há dúvidas que grandes partes da Amazônia no Equador foram devastadas pelas técnicas de extração de petróleo da Texaco de 1964 a 1992. Essa devastação criou seu próprio êxodo. Não muito tempo depois que a Texaco deixou o país, o governo do Equador assinou o direito de processar empresas norte-americanas. Esta assinatura foi muito cara. Em 2006, o governo de esquerda do Equador processou a Chevron – que comprou a

Texaco em 2001. Os danos ambientais foram causados antes do acordo bilateral, que é o que o governo de esquerda de Rafael Correa argumentou no tribunal de arbitragem em Haia (Países Baixos); Correa é retratado acima, suas mãos com o espesso resíduo de óleo que satura a terra equatoriana. O advogado do Equador, Pablo Fajardo, disse desde cedo que o "sistema de arbitragem internacional é projetado para proteger as corporações". Não apenas o Equador perdeu o caso, mas o atual governo – sob intensa pressão dos EUA – decidiu pagar reparações à Chevron. O empobrecido país do Equador – com um PIB de US $ 170 bilhões – pagará à Chevron – um patrimônio líquido de US $ 190 bilhões – dinheiro para destruir seu meio ambiente. Um dos principais ministros do governo de Correa – Andrés Arauz (vice-secretário de Planejamento e Desenvolvimento e Ministro do Conhecimento e Talento Humano) **oferece** um maravilhoso resumo das questões centrais e da política de rendição do atual governo do Equador

A mudança na correlação de forças na América do Sul é precisamente responsável pela capitulação do atual governo do Equador. Quando o pêndulo político se inclinou para a esquerda, o governo do Equador era forte o suficiente para desafiar a Chevron nos tribunais internacionais; quando o pêndulo girou para a direita, o Equador perdeu a coragem e votou com as empresas monopolistas.

Não é de admirar, portanto, que todos olhem para o Brasil, que terá uma eleição em 7 de outubro. Agora está claro que Lula não será o candidato presidencial do Partido dos Trabalhadores. Ele entregou o manto ao seu vice Fernando Haddad (nascido em 1960), o ex-prefeito de São Paulo. Haddad também foi ministro da Educação no governo Lula e Dilma Rousseff. A vice-candidata presidencial será Manuela d'Avila (nascida em 1981), líder do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). D'Avila foi parlamentar de 2007 a 2015. Lula, de sua cela, enviou uma carta ao povo brasileiro confirmando seu apoio a Haddad e d'Avila. Eu recomendo que você **leia** a carta inteira. Mas, um parágrafo precisa de ênfase especial,

A nossa lealdade, minha, do Haddad e da Manuela, é com o povo em primeiro lugar. É com os sonhos de quem quer viver outra vez num país em que todos tenham comida na mesa, em que haja emprego, salário digno e proteção da lei para quem trabalha; em que as crianças tenham escola e os jovens tenham futuro; em que as famílias possam comprar o carro, a casa e continuar sonhando e realizando cada vez mais. Um país em que todos tenham oportunidades e ninguém tenha privilégios.

Se Haddad e d'Avila conseguirem prevalecer sobre o bloco dos oligarcas, o pêndulo político mudará na América do Sul. Será um impulso para as forças do povo se isso acontecer. A esperança da América do Sul está no Brasil (por favor, volte e leia o **dossiê** do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**sobre o Brasil, que publicamos em junho).

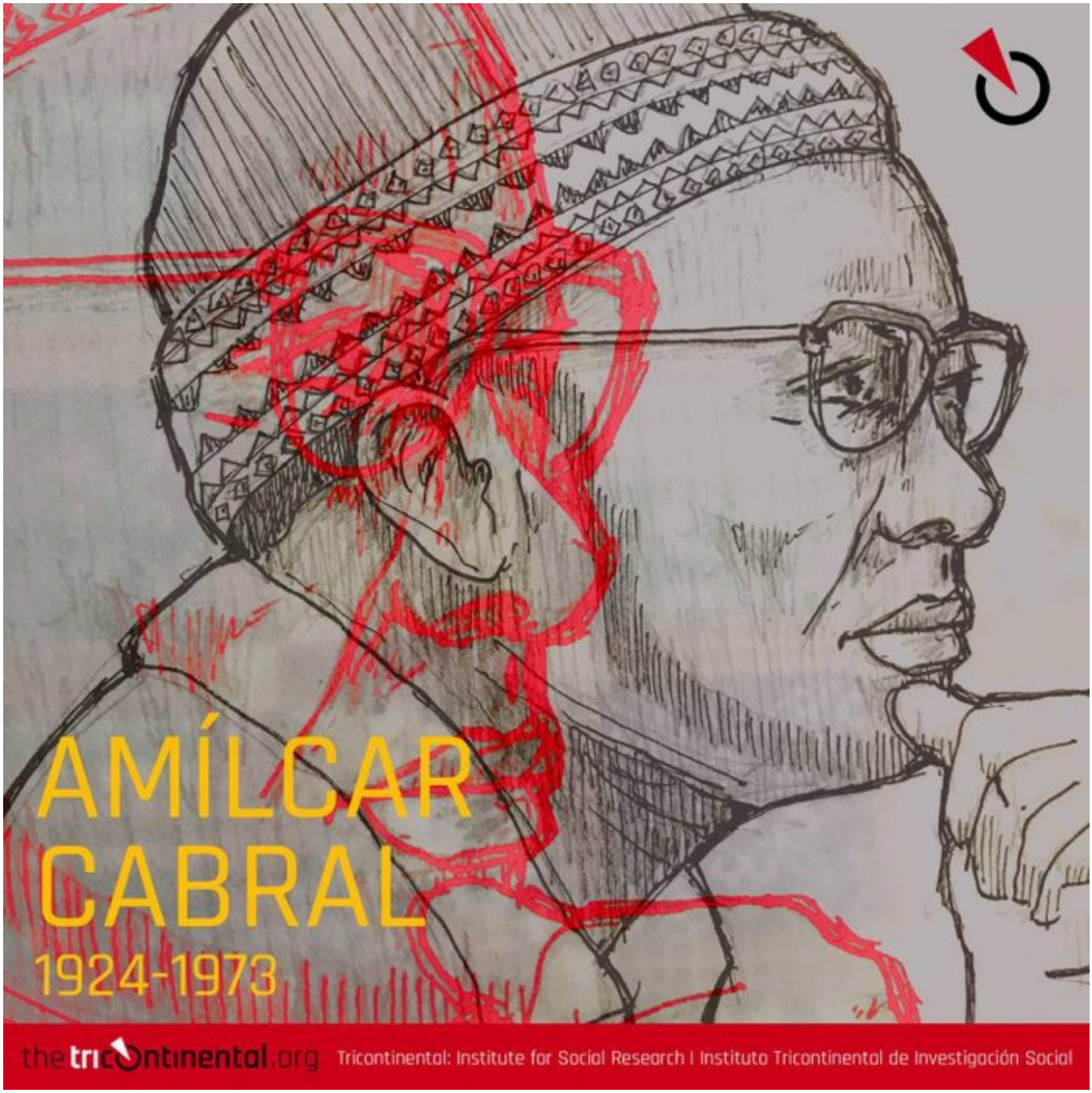
Enquanto isso, do nosso pequeno grupo em Nova Deli – May Day Bookstore (veja acima) – e Leftword Books vem a carta de minha colega Sudhanva Deshpande e eu (usando meu outro chapéu, como editora-chefe da LeftWord Books). Oferecemos um pequeno relatório sobre os novos livros que publicamos – um volume que seleciona os escritos de Lênin e um volume que seleciona as histórias de Shujaat Bukhari, meu colega de linha de frente, **que foi assassinado no começo do ano**. Também escrevemos sobre as dificuldades de uma pequena editora e encontramos maneiras de você nos apoiar com seu trabalho voluntário. Por favor, leia nossa carta **aqui**.

Abaixo está a ilustração da nossa semana – esta de Amilcar Cabral (1924-1973). Cabral foi o centro da Conferência Tricontinental em Havana, Cuba em 1966. Naquela conferência, Cabral proferiu uma palestra intitulada "As Armas da Teoria", na qual ele fez a observação: "Nos nossos tempos, com a domesticação progressiva da energia atômica, é possível prometer, se não levar os homens às estrelas, pelo menos para humanizar o universo '.

Enquanto escrevo estas palavras, ouço que o cantor argelino-francês Rachid Taha (1958-2018) morreu. Uma de suas grandes canções foi Ya Rayah, escrita por Dahmane El Harrachi. "Ya rayah ganha msafar trouh taaya wa twali", canta Rachid Taha: "Aonde você vai? Eventualmente você deve voltar". É a música para o viajante, aquele que vai na estrada. É uma canção de tristeza, uma canção de saudade de uma vida melhor e ida para casa, uma canção que se pergunta se, na estrada, o errante encontrará a humanidade.

Cordialmente,

Vijay.


AMÍLCAR
CABRAL
1924-1973
thetricontinental.org Tricontinental: Institute for Social Research | Instituto Tricontinental de Investigación Social